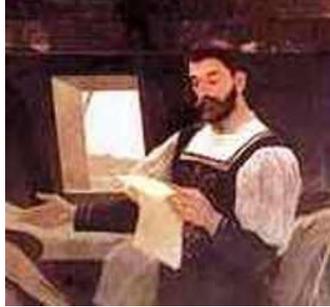


Texto 1

Vossa Mercê conceder-me-ia a palavra?



"...a feiçam deles he seerem pardos maneira dauerme lhados de boõs Rostros e boos narizes bem feitos. am dam nuus sem nenhuúa cobertura nem estimam ne nhuúa coussa cobrir nem mostrar suas vergonhas, e estam açerqua disso com tamta jnocemçia como teem em mostrar o Rostro..."

O que poderiam nos dizer alguns defensores da língua pura que vissem esse trecho da carta de Caminha, escrita há mais de quinhentos anos? Seria essa a forma "correta" de nos comunicarmos?

Vemos atualmente na mídia uma enxurrada de artigos que costumam punir o mau uso da língua. "Professores corretores" fazem sucesso tanto na televisão quanto em outros meios de comunicação, corrigindo os chamados "erros comuns", que, segundo eles, ferem a nossa última Flor do Lácio. O problema é que, nesses casos, fala-se sobre o "correto", como se não existissem outras formas de comunicação, igualmente válidas, que variam conforme a situação. Ou seja, querem cobrir "nossas vergonhas" desde o descobrimento.

Pensemos então, em uma situação hipotética. Um desses cultos e intocáveis donos do saber, jogando futebol (situação bastante hipotética, mesmo...), pede que um de seus companheiros de time lhe dê um passe:

– Por favor, companheiro, passa-me esse objeto esférico que conduzes com os pés!

Obviamente, o jogador não lhe passaria a bola, e a sumidade em língua portuguesa logo desistiria do jogo e voltaria para sua cátedra, indignado com aqueles ignaros futebolistas.

Seriam tais expressões adequadas para aquela situação de uso da língua? Situações formais exigem linguagem formal; situações informais, linguagem informal. Pode parecer óbvio, mas não é. Ao não deixar claro para os leigos que existem diversas possibilidades de nos comunicarmos, esses professores corretores descartam qualquer forma da língua que não seja a formal, como se milhares de falantes (e escritores) fossem vilões, dispostos a maltratar nossa língua-mãe. A justificativa, segundo muitos acadêmicos, é a de que precisamos aprender sua modalidade formal, já que a informal todos nós dominamos. Será que é realmente assim?

E mais: em tempos modernos, não podemos deixar de falar do surgimento de mais um grande vilão, que seduz seus cúmplices para destruir a pobre e indefesa língua portuguesa: o internetês. Professores armam-se; alunos correm desesperados. Estamos sendo bombardeados por "vcs", "tbs" e "rs", que minariam o ensino da língua escrita formal. Seria, então, a melhor solução tentarmos mostrar a nossos alunos como passar por esse campo minado sem se ferirem ou, então, simplesmente desviar dele, como se ele não existisse?

Jovens se comunicam eficientemente horas e horas por dia, sem se "explodirem" e, quando chegam à sala de aula, seus professores dizem que essa forma de se expressar é errada. Por que não mostrar as variações dentro do próprio internetês, aproveitando o fato de os jovens de hoje em dia estarem escrevendo cada vez mais? Não estariam os generais da língua distantes demais da linha de frente?

"a kra deles eh parda, meio avrmelhada, c/ bons rostos e nrzs bunitinhos. Andam pelados e naum tao nem ai pra esconder ou mostrar suas vrgonhas, e tem tanta inosensia como em mostrar o rosto."

Será que, se Caminha tivesse e-mail, seria essa a mensagem? Acho que não, já que o Rei não era seu miguxo... Ou seja, quem usa o internetês sabe que, mesmo na Internet, cada caso é um caso.

Na comunicação, e na vida, parece-me um exagero pensarmos em correto, incorreto, preto, branco; existem outros tons, outras matizes, e cada situação de vida seleciona a quantidade de cor que usaremos. Seria interessante que os professores corretores se lembrassem de que eles hoje aparecem em televisores com *high definition* (desculpe-me mais uma vez, caro colega letrado. *Alta definição*, para não destruir o vernáculo), e que todas as suas rugas e pés de galinha estão à mostra para quem quiser ver.

Não sou um anarquista, apenas um pesquisador das múltiplas faces da língua, que se cria e se recria, evoluindo, modificando-se. Em séculos de uso, diversas pessoas, de diversas culturas, em diversos contextos, expressam-se por meio da língua portuguesa, que não poderia se conservar a mesma.

Pergunto ainda a vc, leitor (ops), a você, leitor, se minha linguagem seria deveras informal para um artigo que deveria promover um debate cultural. Desculpe-me. Sou um professor esportista. Por isso, faço um convite para jogarmos uma partida de futebol no fim de semana. É só vc me pedir: – Toca a bola, pô!

Tiago da Silva Ribeiro é Doutor em Letras pela Puc-Rio, professor de língua portuguesa das redes municipais do Rio de Janeiro e de Duque de Caxias. Admira quem usa sua experiência para enriquecer o que já é rico, em vez de empobrecer o que não domina. Além disso, costuma praticar semanalmente o ludopédio.

RIBEIRO, Tiago. Vossa Mercê conceder-me-ia a palavra? *Debates culturais*. 2011. Disponível em:

<http://www.debatesculturais.com.br/vossa-merce-conceder-me-ia-a-palavra/>. Acesso em: 17 nov. 2017.

Curiosidades sobre a língua



Em meu último texto, fiz uma crítica aos chamados "professores corretores", que vêm à mídia para mostrar à população a forma "correta" de se expressar. Muitos devem ter pensado: "como pode um professor de língua portuguesa defender uma linguagem cheia de erros como esse tal de internetês? Ele deveria corrigi-los, não apoiá-los." Aproveito, então, este espaço na mídia para solidarizar-me com os nobres colegas, que prestam um serviço indispensável aos falantes do português. Vejamos algumas curiosidades sobre a língua.

A língua é um músculo localizado na parte de dentro da boca (pelo menos na maior parte do tempo), relacionado ao paladar, e que participa também na formação da maioria dos fonemas da fala. Até aqui, tudo bem, até mesmo os que escrevem em internetês sabem disso... A primeira curiosidade da língua é que ela é o único músculo voluntário do corpo humano que não fadiga. Interessante, não?

Outro ponto interessante é que algumas pessoas apresentam dificuldades na fala, por conta de um problema no freio da língua, que, quando curto, impede a adequada formação de alguns fonemas, como /t/, /d/, /l/ e /r/. A solução seria a realização de uma frenectomia, intervenção cirúrgica em que o freio é cortado, liberando a língua para formar os fonemas e as sentenças que desejar. Alguns conservadores são contra tal operação, acreditando que o tal freio deve permanecer, para um maior controle da "doença" do indivíduo. Porém, em um distrito brasileiro, estudos mostram um caso em que não foi possível controlar o sujeito com língua presa.

Nossa língua é dividida em regiões de sensações do paladar: no fundo, sentimos o sabor amargo; nas laterais, o azedo; na frente, o salgado; e, na ponta, o doce. Esse músculo incrível nos permite experimentar os mais diversos sabores no dia a dia, e, dependendo do alimento que provamos, utilizamos uma parte específica da língua. O problema acontece quando tentamos captar o sabor salgado com a região que é responsável pelo doce. Não temos sucesso. Mesmo assim, há pessoas que acreditam ser importante utilizar somente uma parte da língua, geralmente a que capta o amargo. Se contrariadas, mostram-se azedas.

Espero, com esse artigo, ter conseguido assumir minha posição de professor, apresentando algumas curiosidades sobre a língua (vejam, colegas catedráticos, que me importo com vocês).

Como disse no último texto, não sou um anarquista. Defendo a democracia. Cada um tem liberdade para escolher se vai ou não retirar seu freio, para poder (ou não) saborear todos os pratos do menu comunicacional, desde simples arroz com feijão à sofisticada lagosta. Seguimos experimentando. Afinal, a língua nunca se cansa.

Tiago da Silva Ribeiro é Doutor em Letras pela Puc-Rio, e costuma atender todas as semanas em seus consultórios nas redes municipais do Rio de Janeiro e de Duque de Caxias. No dia a dia, prefere comidas mais simples, como feijão com arroz, macarronada, bife com batata frita. Quando a situação exige (e permite), saboreia-se com pratos mais sofisticados.

RIBEIRO, Tiago. *Curiosidades sobre a língua*. 2011. Disponível em: <http://www.debatesculturais.com.br/curiosidades-sobre-a-lingua/>. Acesso em: 17 nov. 2017.